Warley Matias de Souza

A ATRIZ APUNHALADA

Warley Matias de Souza

A ATRIZ APUNHALADA

Souza, Warley Matias de, 1974-
A atriz apunhalada / Warley Matias de Souza. –
1ª ed., 2023.
ISBN 978-65-00-75711-8
1. Literatura brasileira. I. Título.
CDD-B869
A ATRIZ APUNHALADA
Copyright © 2023 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Estudo para Ofélia*, de John Everett Millais.

(Obra revista pelo autor em 2023)

1. Orlando Stuart decidiu fazer mais uma adaptação de *Hamlet*, obra de Shakespeare. Optou por algo sombrio, o palco era todo coberto por um tecido escuro. Aliás, as águas em que Ofélia se afogava eram feitas de sacos de lixo pretos. O diretor, e também produtor da peça, era um homem de cinquenta anos, uma espécie de maldito no meio teatral, conhecido por criar monólogos dos personagens shakespearianos. No cenário negro, via-se parte de um cemitério, que não apresentava um limite claro com o lago onde morria a pálida donzela Ofélia. Este estava embaixo de uma árvore negra. Havia também um caixão e muitas velas no cenário, em castiçais de metal barato.

2. Cada ator entrava com um crânio na mão. Segurava-o pelos olhos, como se fosse uma bola de boliche. Orlando Stuart queria relacionar o pensamento humano a uma coisa banal. Então o ator ou atriz olhava pro crânio e fazia o monólogo. O de Ofélia seria o penúltimo. Dois atores tinham passado pelo palco. A música, um traço barroco na obra do diretor, começou a tocar. Era um sinal pra entrada da atriz. Porém, ela não entrou.

3. Os cinco espectadores começaram a ficar inquietos. E, pra complicar ainda mais a situação,

a luz que iluminaria Ofélia apagou-se definitivamente.

4. O diretor entrou no palco, pegou um dos castiçais e dirigiu-se ao pequeno público: “Pedimos desculpa pelo transtorno, mas a energia elétrica acabou, e o teatro não possui gerador”.

5. Orlando Stuart foi salvo do constrangimento quando a atriz que fazia a rainha Gertrudes deu um grito vindo lá do camarim e disse alto e em bom som, com uma voz testosteronada: “Caralho!”.

6. O diretor deu as costas ao público e dirigiu-se ao camarim. Os integrantes da equipe (os atores, que também eram cenógrafos, sonoplastas, iluminadores, figurinistas e bilheteiros) estavam agitados.

7. Impaciente, um dos espectadores, um homem gordo e alto, decidiu ir embora. Mas logo voltou, irritado: “Puta que pariu, estamos ilhados aqui. Lá fora está um pé-d’água! E a água já invadiu o saguão do teatro”. “Sorte que estamos no segundo andar”, disse uma moça. “Sorte?”, retrucou o homem. “Há controvérsia.”

8. O diretor voltou ao palco. O castiçal em sua mão tremia, enquanto Orlando Stuart falava: “Sentimos muito, mas não poderemos finalizar o espetáculo. Podem voltar às suas casas. E boa noite”. O homem gordo disse: “Impossível, homem. Lá fora cai um toró, e seu teatro já está sendo inundado”. “Caralho, rapaz, caralho.” Todos perceberam o estado do diretor, que começou a chorar e sentou-se na borda do palco, os pés pendurados, os ombros caídos a sacudirem-se chorosos. Enquanto isso, lamentava-se: “Não aguento mais. Sou um fracasso! Minha peça é um fracasso! Minha vida é um fracasso! Tenho cinquenta anos, e ninguém respeita o meu trabalho. Isto aqui é o fundo do poço. Teatro inundado, sem luz, e uma atriz apunhalada”.

9. Os cinco espectadores ficaram agitados. “Como é que é?”, rosnou o homem gordo. “Isto é uma brincadeira? Esta é uma daquelas peças que exigem a participação do público? Paguei pra ver o tal do *Hamlet*, pois todo mundo já viu essa porra de peça, não queria ficar pra trás.” Ainda lacrimoso, o diretor defendeu-se: “Não enganamos ninguém. Está bem claro no anúncio: ‘Uma leitura gótica e stuartiana de *Hamlet*, de William Shakespeare’.”. Então, um homem de mais ou menos quarenta anos, negro, cabelo

black-power, magro, camisa de malha, bermuda *jeans* e sandália de couro, com uma voz rouca e forte, falou: “Quer dizer que houve um assassinato aqui?”. Se fosse outra ocasião, o diretor o convidaria pra atuar em uma de suas peças experimentais, pois aquela era a voz possante de um ator de teatro. “Onde está o corpo?”, perguntou o homem de voz rouca. “Lá atrás”, indicou o diretor, com o castiçal.

10. O homem de voz possante era Paulo Arruda, detetive particular, formado pelo curso de correspondência mais famoso do país. Ele subiu no palco e caminhou decidido rumo ao camarim.

11. No camarim coletivo, estava a Ofélia apunhalada, caída no chão, como uma boneca de pano abandonada, a lâmina completamente enterrada em sua barriga. Logo Paulo Arruda conjeturou que o assassino devia ser um homem, pra cravar o punhal com tanta força. Porém, ao olhar pra entrada do camarim, viu a rainha Gertrudes, uma atriz com músculos. O olhar dela era mais de curiosidade do que de horror. “Era sua amiga?”, perguntou Paulo Arruda, com sua voz altissonante. Ela respondeu, seca: “Não diria isso”. E afastou-se.

12. Paulo Arruda tirou do bolso uma caderneta de capa azul, sua companheira inseparável, pois o crime não tem hora marcada pra acontecer, e sua caneta esferográfica, escrita fina, tinta vermelha. Ele sorriu, vermelha como sangue, pensou. Começou a fazer anotações sobre o local do crime e as características da vítima.

13. A Ofélia devia ter uns sessenta quilos, um metro e sessenta de altura. Usava uma peruca preta, lisa, cabelo sobre a testa. O batom era preto, e o rosto estava coberto por uma base branca. Seu vestido também era preto. Aquela ideia de fazer um *Hamlet* gótico devia ser algo genial, pensava o detetive, dizem que tudo diferente é genial.

14. O camarim tinha um aspecto mais alegre, bem diferente do cenário gótico do palco. Era pequeno pra quatro atores e um diretor. Espelhos em todas as paredes (em algumas partes estavam já enegrecidos) e bancadas abaixo deles. Havia cinco tamboretes de assento plástico, cada um de uma cor: vermelho, amarelo, laranja, verde e azul. Havia também mais dois pequenos tamboretes: anil e violeta. Cada um desses dois tinha sobre si uma caixa com quinquilharias cênicas. Paulo Arruda sorriu, pois os tamboretes

tinham as cores do arco-íris. Sobre as bancadas, havia material de maquiagem, latas de coca-cola e também de cerveja. No meio delas, uma pequena garrafa solitária de água mineral, pela metade. Na borda superior dos espelhos, havia algumas pequenas lâmpadas arredondadas distribuídas ao acaso.

15. Paulo Arruda pegou o castiçal com a vela sobre uma bancada do camarim e aproximou-o do rosto da morta. Então percebeu um brilho na boca semiaberta dela. Aproximou mais a vela e quase enfiou os olhos na boca da morta. Era uma aliança dourada. Abaixou mais a luz da vela pra examinar mais detalhes, percebeu que a morta tinha em uma das mãos um pedaço de TNT preto, provavelmente da roupa do assassino ou da assassina. Todos os atores tinham aquele material em suas roupas de cena. E então Paulo Arruda notou que ela estava usando sapatinhos vermelhos, de falso rubi, como os de Dorothy, personagem de *O mágico de Oz*. Nesse momento, Orlando Stuart apareceu.

16. “O que está fazendo? Se o vestido da Ofélia pegar fogo, este teatro pode virar uma fogueira só. Por que não usa a lanterna do seu celular?” “Está descarregado.” “Toma o meu”, disse o

diretor e estendeu-lhe o aparelho. “Obrigado, mas prefiro a luz das velas. Esse clima de mistério me ajuda a pensar melhor.” “Como queira. Mas cuidado, homem, já tivemos tragédia de mais por uma noite. Um assassinato! Lá fora, um pé-d’água, estamos ilhados. Só falta agora um incêndio.” “Chega mais perto, por favor. Vê os sapatinhos de falso rubi da Ofélia?” O diretor olhou, surpreso. “Que brincadeira é esta?!” “É o que pretendo descobrir.” “Ela deveria estar descalça.” “O que foi?” “Nada, talvez ela quisesse quebrar com o tom lúgubre, fazer uma alegoria talvez. Pode ser uma mudança pra próxima temporada da peça.”

17. Paulo Arruda voltou ao palco. Os outros estavam ali sentados na primeira fileira. A atriz musculosa cochichava alguma coisa com um dos homens. Ele era magro, branco, muito pálido, estatura mediana, usava uma camiseta preta da banda Sepultura, calça *jeans*, tênis *all-star*. Seu cabelo era preto, grande, revolto. Paulo Arruda aproximou-se dos dois e chegou o castiçal perto de seus rostos. A atriz mostrou-se incomodada e afastou-se. “A primeira atriz que conheço que não gosta de holofotes.” O outro sorriu. Agora de perto, Paulo Arruda percebeu que ele usava

maquiagem pra acentuar a palidez. Devia ter vinte e poucos anos.

18. “Não podemos chamá-la de *atriz*”, disse o homem, com desdém. “Não apreciou sua atuação?” “Medíocre! Orlando Stuart encontrou-a em uma academia de ginástica, achou viável pros seus experimentos cênicos. É uma brutamontes, sem sensibilidade artística.” “Você então conhece o diretor?” Ele sorriu, excitado. “É meu ídolo, meu mestre.” “Onde o conheceu?” “Na Faculdade de Artes Cênicas.” “Você também é ator?” “Não, não mesmo. Sou escritor. Mas tenho interesse em teatro, quero enveredar pro caminho da dramaturgia. Orlando Stuart estava dando uma palestra na faculdade, fiquei sabendo por um estudante amigo meu. Fui ouvi-lo. No final, trocamos contatos.” “Conhecia a vítima?” “Daniel Stuart? Não muito, trocamos poucas palavras.” “Ela era parente do diretor?” “Não, é que o Orlando gosta de trabalhar apenas com atores jovens ou iniciantes. E todos devem ter seu sobrenome, como se fosse uma marca. Se houver um Stuart famoso, todos saberão com quem ele começou.”

19. Extremamente narcisista o diretor, pensou Paulo Arruda. Talvez a vítima o tenha

confrontado, queria ter sobrenome próprio, ele não aceitou, brigaram, temos aí um crime passional. É claro que assassinos são egocêntricos.

20. Elias Rocha, esse era o nome do aspirante a dramaturgo, dirigiu-se a todos os presentes, em voz alta e desafinada: “Alguém chamou a polícia?” Uma jovem, com um turbante, falou: “Não encontrei sinal de celular”. “Eu já liguei”, disse Orlando Stuart, sentado na borda do palco, os pés soltos no ar. “Mas não chegarão aqui antes do amanhecer, lá fora está alagado.” “E o que vamos fazer?”, gritou a rainha Gertrudes. “Vocês estão muito calmos! Ainda não entenderam? Existe um assassino entre nós!” E ela disparou a chorar. Todos ficaram surpresos ao ver uma mulher assim tão musculosa cair em prantos. Mas Paulo Arruda não se comovia, conhecia a capacidade humana pra dissimulação.

21. Os outros ficaram inquietos, ótima oportunidade pra Paulo Arruda protagonizar a cena: “Meu nome é Paulo Arruda, sou detetive particular, com um percentual de resolução de casos altíssimo. Vocês se lembram do *serial killer* Maluco da Machadinha? Fui eu que solucionei o caso”. “Mas não me lembro de seu nome ser

citado pela imprensa", disse a atriz chorosa, enquanto enxugava as lágrimas, ou falsas lágrimas. "É que a polícia levou o crédito, é sempre assim. Pois bem, temos um assassino ou uma assassina entre nós. Portanto, proponho que todos fiquem aqui. Se alguém precisar ir ao banheiro, deve estar acompanhado de mais duas pessoas. Eu cumprirei minha função e, até o fim da noite, revelarei o nome de quem matou Daniel Stuart."

22. "Todos são suspeitos, há um assassino ou uma assassina entre nós", disse Paulo Arruda. O homem gordo protestou. Paulo Arruda não era da polícia, ninguém tinha a obrigação de responder às suas perguntas. "Prefere que outro assassinato aconteça? Se o senhor se recusar a falar comigo, os outros pensarão que o senhor nos esconde alguma coisa." Então, o homem se calou.

23. Em uma pequena sala ao lado do camarim, havia uma arara com antigos figurinos e algumas caixas com mais quinquilharias cênicas. Paulo Arruda colocou as caixas do lado de fora. O detetive pegou uma vassoura que estava no corredor, varreu o local. O melhor lugar seria o camarim, mas com o cadáver ali, não era possível.

24. Paulo Arruda colocou dois tamboretes na saleta, um de frente pro outro. Parecia um programa de entrevistas *underground*. Que Orlando Stuart não nos ouça! Começaria a ter ideias...

25. “Seu nome, por favor?” “Neide Dantes.” Paulo Arruda fazia anotações em sua caderneta. “Que sobrenome curioso. De onde vem?” Neide Dantes era uma jovem negra, devia estar com uns vinte e cinco anos. Usava um turbante amarelo e um vestido largo e estampado. Suas sandálias tinham algo de rústico. “É um nome artístico. Meu nome verdadeiro é Dineide Dantas. Então tirei o ‘Di’ e transformei ‘Dantas’ em ‘Dantes’; portanto, ‘De antes’. Dantes. É porque só recentemente comecei a ter consciência étnica. Eu era muito alienada. Pode parecer estranho, mas eu me considerava branca!” Paulo Arruda sorriu, sentia empatia pela moça. E comentou: “É comum essa falta de consciência no Brasil. Eu, felizmente, tive uma mãe comprometida com o candomblé. E seu maior herói era Zumbi dos Palmares”. O detetive percebeu que estava caminhando pela estrada perigosa da parcialidade. Era um profissional competente, tinha que manter a frieza. Ela notou que ele de repente mudou a postura antes de falar-lhe, sério: “Por que veio ao teatro?” “Pra ver

a peça, obviamente.” “Como soube dela?” “Recebi um panfleto. Achei interessante. Curto arte alternativa. E queria conhecer Orlando Stuart.” “Queria trabalhar com ele?” “Vou ser sincera, vim pra questioná-lo. Ele não trabalha com atores negros, e acho isso uma afronta. Como não participa de redes sociais, eu só podia falar com ele pessoalmente.” “E como ele reagiu a isso?” “Não tive a oportunidade de saber. Antes de começar a peça, fui até o camarim. Ele estava de beijos com a morta. Então eu não quis ser indiscreta. Decidi confrontá-lo no final do espetáculo.” “Nosso diretor então tinha um caso com a atriz? Típico!” “Não sei dos detalhes. Só estou dizendo o que vi.” “Você conhecia algum dos atores da peça?” “Só de vista.” “Explica.” “Costumo frequentar o circuito alternativo.” “Conhecia a Ofélia? Ou melhor, a atriz? Seu nome artístico era Daniel, sem sobrenome, a não ser aqui, que assumiu o Stuart do diretor. Curioso. Sabe o nome real dela?” “O sobrenome não sei, mas o primeiro nome era mesmo Daniel. Ela era uma mulher trans.” “Não sabia. Isso gera a possibilidade de crime de ódio.” “No circuito alternativo? Duvido muito. É o espaço artístico onde a liberdade realmente é plena. Por isso vim questionar o diretor, pois o racismo me parecia muito incoerente.”

26. Sob a luz da vela, ao olhar praquela moça, Paulo Arruda teve a nítida sensação de que via sua mãe quando ela era jovem. Ela também usava turbante, enquanto cantava cantigas em uma língua que o menino não entendia. “O que foi?” “Nada, eu só estava pensando.” Olhou pras mãos dela. “Pode me mostrar suas mãos?” Ela obedeceu. “Tem uma marca de aliança no dedo. Rompeu com alguém recentemente?” Ela olhou pra mão, surpresa, pensativa e silenciosa. O detetive concluiu que ela estava pensando em uma desculpa. Ela disse, por fim, triste: “Eu perdi, era da minha mãe. E agora? Desde que ela morreu faz três anos, uso a sua aliança de casamento. Meu pai também é falecido. E agora eu perdi essa ligação espiritual com minha mãe”. “De ouro ou de prata?” “Banhada a ouro.” “Me diz uma coisa.” Ele olhava pra ela, com segundas intenções: “Você também não perdeu sapatinhos vermelhos de falso rubi?”. Ela se sentiu ameaçada pela forma com que ele a olhou. Franziu a testa e mostrou-lhe os pés. “Acha que aqui entram *sapatinhos*? Calço quarenta e dois.”

27. O detetive sentiu arrepios. Pra ele, mulheres deviam ter pés pequenos. E as mulheres grandes, Paulo? — ele se interrogou. Ah, as mulheres não

deveriam ser grandes, pensou. Quando se vestia de mulher, entre amigos, tinha vergonha dos pés grandes. Buscava conhecer o universo feminino nessas ocasiões. Não era um artista, mas apenas um pragmático detetive particular.

28. “Onde perdeu sua aliança? Ou melhor, a aliança de sua mãe?” “Quando saí de casa, ainda estava com ela. Não sei onde foi que a perdi.” “Talvez aqui mesmo no teatro.” “Tomara que sim, vou procurá-la.” “Acho que sei onde está.” Os olhos dele brilharam, enigmáticos. “Então me diz!” Ele olhou bem pro rosto dela e falou: “Está na boca da morta”.

29. Neide Dantes franziu a testa. “Isso é uma brincadeira?” “Pode ser, uma espécie de brincadeira macabra.” “Está falando sério?” “Neste exato momento, a aliança de sua mãe está na boca de Daniel, a atriz apunhalada.” Ele não lhe deu tempo pra refletir. “Neide, você conhecia a morta?” “Não! Ou melhor, só de ouvir falar.” “Então por que a aliança de sua mãe está na boca de Daniel?” “Eu não sei!” “Tem que concordar que é muito comprometedor. E quando a polícia conseguir chegar até aqui, você será uma das principais suspeitas.” “Sempre somos afinal.” “No caso, não será uma questão racial, mas factual.”

“Não matei Daniel.” “Se está me escondendo alguma coisa, é melhor não fazer isso. Se eu não descobrir a verdade, a polícia vai atuar. Aliás, você sabe que a polícia brasileira fabrica suas próprias verdades. Então, acho melhor me contar tudo.” “Estou dizendo a verdade. Nunca falei com a Ofélia, eu conhecia Daniel de nome. Eu já tinha visto ela por aí, nunca falei com ela.” “Então me explica por que a aliança que te pertence está na boca da morta.” “Estou perplexa, não sei o que pensar.”

30. “Então, vamos por outro caminho. Alguém aqui teria algo contra você? Alguém aqui no teatro, nesta noite, teria interesse em te incriminar? Uma vingança talvez?” “Não, não conheço ninguém aqui, apenas os atores, mas só de ouvir falar ou ver por aí.” “Você é atriz, correto?” Ela confirmou com a cabeça. “Pode ser que te conheçam, da mesma forma que você conheceu a vítima, de nome, de vista. Da mesma forma que o diretor fez algo que te incomoda, você também pode ter feito algo que incomode a alguém.” “Não creio.” “Você está trabalhando como atriz atualmente?” “Faço parte de um grupo de atores que defende que a arte cênica deve se restringir ao ensaio, o espetáculo seria a morte do objeto artístico.” “E como isso chega ao público?”

“Ensaiamos em espaços cedidos por amigos, e quem quer assistir, é só entrar. E não aparece muita gente.” “Mas Daniel também não tinha um grande público.” “Não como atriz.” “Como assim?” “Antes da transição, ela se apresentava numa boate *gay* como *drag-queen*.”

31. “E como sabe disso?” “Ouvi algumas piadas de atores e atrizes ressentidos com o fato de Orlando Stuart chamar uma rata de academia e uma *drag-queen* pra fazerem Shakespeare. Eles acham que elas não são atrizes de fato.” “E o que você acha?” “Orlando Stuart é ousado, admiro isso nele.” Paulo Arruda ficou em silêncio, analisava a moça. “Às vezes, temos intuições, percebemos a verdade de forma subconsciente. Então, se você tivesse que apontar o motivo do crime, o que sugeriria?” Ela sorriu meio de lado. “O que foi?” “É que diziam umas coisas sobre Daniel.” “Parece que o teatro alternativo não é tão alternativo assim; todo mundo fala de todo mundo, é assim em qualquer lugar.” “Diziam que ela era amante de um homem casado.”

32. “Vou te dizer, Neide Dantes, qual é a primeira lição do curso de detetives por correspondência, módulo *Assassinato*. Os assassinatos acontecem pelos seguintes motivos. Um. A vítima fala

demais, é morta pra encobrir um segredo. Dois. A vítima é rica, é morta por causa do dinheiro. Três. A vítima tem um ou vários amantes, é morta por causa da traição. E quatro. A vítima fez mal a alguém, é morta por vingança."

33. "Diziam que Daniel tinha um amante casado", Neide Dantes repetiu. E o detetive quis saber: "Orlando Stuart é casado?" "Com uma mulher bastante empoderada." "E ela está no teatro?" "Só se estiver escondida por aí."

34. Ela ficou pensativa. "O que foi?" "Ela pode ter mandado alguém fazer o serviço." Paulo Arruda deu uma gargalhada alta, que ecoou por todo o teatro e causou arrepios em todos. "Você também fez o curso de detetives por correspondência?" Neide Dantes não soube o que responder. "Curioso como você sabe tanto sobre a vida do diretor." "Nada de mais, apenas fofocas. O mundo da arte alternativa não é mais nobre do que o da arte comercial, meu caro detetive. As pessoas falam, conspiram, puxam tapete. A diferença é que se faz isso pela arte e não pelo entretenimento." "E qual a diferença?" "Não pretendo te dar uma aula introdutória sobre arte! Aliás, se não sabe a diferença, por que está aqui?"

35. Paulo Arruda pareceu constrangido, como uma criança pega em flagrante. “O que foi?”, ela perguntou, diante do silêncio do outro. “É que...” “O quê?” “É que recebi o ingresso de forma anônima. Cheguei em casa, e alguém tinha deixado um envelope com o porteiro. Perguntei-lhe a descrição da pessoa, e ele disse que tinha sido um menino. Quando cheguei aqui e vi a peça, achei que fosse brincadeira de algum amigo. Definitivamente, com todo respeito pelas suas ideias, a arte alternativa não é minha praia. Mas agora...” “Acha então que tudo isto aqui foi armado, que todas as pessoas que estão aqui é por algum motivo?” Ele piscou o olho pra ela: “Você realmente fez o curso de detetives por correspondência, não fez?”.

36. “Isto aqui é uma espécie de ratoeira!” “Minha cara atriz alternativa, deixa as conclusões pros especialistas. Sim, há a possibilidade de que a minha presença aqui tenha sido planejada por outra pessoa, mas daí a concluir que todos estão aqui devido a um plano macabro, chega a ser absurdo, pra não dizer ridículo.” “Vou perguntar aos outros por que estão aqui!”, disse ela, levantando-se. “Não!”, Paulo Arruda sabia ser autoritário quando queria, e sua voz tonitruante muito ajudava nisso. “O detetive aqui sou eu,

entendeu? Se você sair por aí a fazer perguntas, vai comprometer a investigação, e pode beneficiar o assassino ou a assassina. Os outros devem conversar comigo sem a sua influência. Pois, do contrário, entenderei que você tem interesse em comprometer a investigação."

37. Orlando Stuart estava abatido quando entrou na sala. Paulo Arruda olhou-o, sério. "Senta, por favor." Orlando Stuart obedeceu. "Você e Daniel tinham um caso, correto?" O outro não respondeu prontamente. Olhava fixamente pro detetive enquanto analisava a situação. "Ela estava apaixonada por mim." "E você por ela?" "Não. Eu apreciava a companhia dela. Mas paixão, não. Minha única paixão é o teatro." "E como Daniel lidava com isso?" "Nunca prometi nada a ela, nunca. Sou uma pessoa transparente, detetive. Sou um artista, não um político." Paulo Arruda deu um meio-sorriso. "O que foi?", perguntou-lhe o outro. "Artistas e políticos têm algo em comum." "E o que seria?" "São sedutores."

38. Orlando Stuart baixou os olhos, não sabia lidar com cantadas masculinas. Daniel não era um homem, era uma mulher, com um corpo em construção, mas uma mulher. "Vejo que ficou constrangido e que fui mal interpretado, diretor.

Não estou assediando você, foi só um comentário.” “Sem problema.” “Aliás, artistas e políticos não têm em comum somente o fato de serem sedutores.” “O que mais?” “Ambos convivem bem com a mentira.” “Mentira e ficção não são a mesma coisa.” “Depende do ponto de vista.” “Faz suas perguntas, detetive. Não tenho paciência pra joguinhos.”

39. O detetive perguntou: “Quem matou Daniel?” “Não faço ideia.” “Respondeu tão rápido!” “É que não era tão íntimo assim dela quanto você possa imaginar. Nós nos beijávamos às vezes, mas nunca chegamos às vias de fato, ela estava em transformação, ainda tinha um pau. Isso me impedia, eu não estava disposto a ultrapassar a linha.” “Ela estava apaixonada, não estava?” “Sim. Era mais jovem do que eu. Sentia admiração por mim. Essas coisas acontecem.” “E você se aproveitou.”

40. Ele fuzilou o detetive com os olhos. “Ela era maior de idade, não era nenhuma mocinha ingênua. Aliás, ingênua é uma coisa que uma mulher trans não é.” “E sua esposa? Dizem que é ciumenta.” “Todas as mulheres são.” “Acha que o ciúme dela seria capaz de levar a um assassinato?” “Não entendo por que está

perdendo tempo com isso. Minha mulher não está aqui, não pode ter assassinado ninguém.” “Mas pode ser a mandante.” Orlando Stuart deu uma gargalhada. “Estou me sentindo em uma peça policialesca de duvidosa qualidade estética.” “Vamos então mudar o rumo da conversa.” “Vai em frente.” “Possivelmente, você foi o último a ver Daniel com vida.” “Discordo, o último foi o assassino.” “Ou assassina.” O diretor fez um gesto de impaciência com a mão e fechou os olhos. Estava irritado e precisava acalmar-se. “O que quero saber”, disse Paulo Arruda, “é se você percebeu alguma coisa suspeita. Qualquer coisa estranha, algo fora do esperado”.

41. O outro pensou por um momento, hesitou um pouco e, por fim, falou: “Ela estava com uma aliança no dedo. Perguntei-lhe se estava noiva. E ela respondeu que estava comprometida comigo. Disse assim: ‘Estou comprometida com você, meu amor’. E me beijou”. “Então você a beijou e saiu.” “Sim. Ou melhor, não. Ela reclamou da minha indiferença. Daniel estava transtornada. Então abracei-a e disse que ficaríamos juntos pra sempre. E nos beijamos pela última vez.” “E por que disse isso?” “Porque já estava quase na hora de ela entrar no palco. Eu não queria uma atriz desconcentrada ou insatisfeita com o diretor. Isso

prejudicaria o espetáculo. E o teatro deve estar acima de tudo.” “Inclusive das pessoas?” “Acima de tudo, detetive. Não espero que entenda, você não é artista.”

42. Paulo Arruda realmente não entendia, era uma pessoa funcional. Como a maioria da população, havia uma linha tênue que ele jamais conseguia ultrapassar. Mas, diferente de tantos ignorantes, não menosprezava aquilo que não podia entender. Não gostava, porém, de perder tempo com abstracionismos. Então, seguiu com suas perguntas.

43. “O que me diz de sapatinhos de falso rubi?” “Minha Ofélia deve estar descalça, ela é símbolo do despojamento da loucura...” “Tá, tá. Não quero interpretações artísticas. Vamos ser objetivos.” “Tudo bem”, disse o diretor, entredentes. Não suportava pessoas funcionais, incapazes de ver além das aparências. Era muito difícil ser artista no meio de tanta mediocridade. Nunca conseguira entender a vida somente como necessidade, ação e consequência. Sabia que, em meio a isso, havia algo impalpável, aquilo que chamamos de “arte”.

44. “Mas talvez seja por meio de *interpretações* que você chegará à solução do assassinato. Me

parece óbvio que esses sapatinhos de falso rubi são uma metáfora. É simbólico, detetive, é simbólico!" "Pode ser..." O detetive não queria admitir, mas Orlando Stuart tinha razão, havia um simbolismo em tudo aquilo. "Não sou bom em interpretações. O que sugere?" "A única coisa que me vem à mente são os sapatinhos de rubi de Dorothy, personagem de *O mágico de Oz*." "Jude Garland!" "Sim, é a Dorothy clássica da versão pro cinema. Mas existe o livro também. Aliás, o livro veio antes." "E o que tudo isso tem a ver com Daniel?" "Ela era fascinada por esse filme. Me contou que, ao ver o filme pela primeira vez, em sua difícil infância, ela entendeu que era uma menina, identificava-se com a Dorothy. E todos aqueles personagens passaram a significar algo pra ela: o Leão, o Espantalho e o Homem de Lata. A coragem, a inteligência e o amor. Pediu à mãe, uma empregada doméstica, que lhe comprasse o livro. Desde então, Daniel carregava esse livro com ela, como se fosse sua bíblia. Quando estava triste, fugia pro mundo de Oz." "E onde está o livro?" "Deve estar no camarim, ela não se separava dele." Paulo Arruda arregalou os olhos, como se tivesse uma revelação. "O assassino ou a assassina, simbolicamente, mandou Daniel pro mundo de Oz. É uma piada macabra." "Não sei se seria a melhor interpretação. Os sapatinhos de

rubi eram o que levaria Dorothy de volta pra casa.” “‘Do pó viemos, ao pó voltaremos.’ Isso está na Bíblia, acho.”

45. Orlando Stuart olhou pra parede e se perdeu em reflexões. “Desculpa tirá-lo dos seus pensamentos, mas eu ainda estou aqui.” Sem olhar pro detetive, ele falou: “Ofélia estava louca, fora de si, ou seja, fora de casa, metaforicamente falando. Dorothy queria voltar pra casa. E Daniel construiu sua própria casa, o corpo”. “É, parece interessante.” Orlando Stuart encarou o detetive: “Não, é fascinante!”. Paulo Arruda apenas levantou as sobrancelhas, enquanto o diretor continuava com seus devaneios: “Dorothy matou por acidente a bruxa má do Leste. Aliás, os sapatinhos eram dessa bruxa. Então, a bruxa má do Oeste queria acabar com Dorothy e fez de tudo pra matá-la. Me parece evidente, é preciso descobrir quem é a bruxa má do Oeste!”.

46. Os delírios de Orlando Stuart deixaram Paulo Arruda desconfortável. Ele não entendia essas questões abstratas, via a vida a partir do óbvio. Pra ele, as coisas eram bem mais simples. Alguém não gostava de Daniel e então a matou. Se descobrisse o motivo, descobriria o assassino ou a assassina. Mas não podia negar que a aliança e os

sapatinhos de falso rubi eram pistas, deviam significar alguma coisa. “Talvez tudo não passe de coincidência. É comum a presença de objetos aleatórios na cena do crime. Mas também podem ser colocados ali pelo criminoso, pra confundir o investigador.”

47. Esse raciocínio pobre do detetive fazia Orlando Stuart menosprezá-lo. Não podia respeitar alguém tão medíocre. Havia algo na realidade que só a arte podia captar, uma coisa impalpável, mas percebida por grandes mentes. Estava óbvio que o detetive não era uma dessas grandes mentes.

48. O detetive Paulo Arruda quase descartou o diretor do rol de suspeitos. Era visível o prazer de Orlando Stuart ao tentar interpretar o assassinato. O detetive não via aquilo como frieza, pois sabia que os artistas viam o mundo com outros olhos, que tanto o prazer quanto a dor os fascinavam. Porém... “Tenho uma curiosidade, diretor.” “O que é?” “Todo diretor de teatro é também um ator?” “Nem sempre, como nem todo treinador de futebol é um jogador, pra dar um exemplo que você deve entender.” “Não, não gosto de futebol. Sou mais do vôlei. Mas o exemplo é pertinente.” “Se quer saber, já atuei sim.” “Acredito que todo

treinador é jogador sim, só não tem o talento necessário.” “Não pense que me ofende com isso. Realmente, nunca fui bom ator.”

49. Ou talvez fosse muito bom ator, a ponto de parecer um péssimo ator. Podia estar atuando. E se fosse um desses atores fodas? O melhor ator é aquele que consegue atuar sem que percebamos que ele está atuando. “Você conhece alguma pessoa da plateia?” O diretor ficou em silêncio. “E os seus atores?” “O que há com eles?” “Teriam algum motivo pra matar Daniel?” “Não acredito nisso. Todos gostavam de Daniel. Ela era muito agradável e generosa. Sempre ajudava a todos e estava disposta a tudo pra agradar. Era dessas pessoas que abrem mão da própria felicidade em prol do outro.”

50. Esse tipo de gente é sempre perigoso, pensou o detetive. Não é natural prejudicar-se em benefício de outra pessoa. Ser a boazinha pode ser uma forma de não ser vista, de não mostrar a própria maldade. Ninguém acredita que alguém “bonzinho” possa ser capaz de certas coisas. Ou era uma dissimulada ou tinha uma autoestima baixíssima. Há pessoas que confundem gratidão com amor.

51. “Uma última pergunta”, disse o detetive. “Vocês usam TNT nos figurinos, correto?” “Sim, é mais barato e dá um toque de artificialidade que, pra mim, é demasiadamente artístico. Por quê?” “Não posso revelar todos os detalhes da investigação.” Orlando Stuart deu de ombros.

52. Paulo Arruda concluiu que um integrante do elenco tinha assassinado Daniel. Porém, pensando melhor, a Ofélia, durante a morte, podia ter arrancado parte de seu próprio traje de cena. Mas Paulo Arruda não vira nenhuma parte de seu figurino que estivesse rasgada. Aproveitaria pra dar uma nova olhada quando o diretor saísse e pedisse pro próximo suspeito entrar. E havia outra possibilidade. Antes de morrer, Daniel podia ter estado com outra pessoa que não o assassino ou a assassina, e, na agonia da morte, podia ter tirado um pedaço de TNT do traje de cena de seu interlocutor ou sua interlocutora. Se isso realmente acontecera, alguém do elenco falara com Daniel pouco antes de sua morte e, possivelmente, sabia quem era o assassino ou a assassina, e isso colocava essa pessoa na mira do criminoso ou da criminosa. Alguém corria perigo. “Obrigado, diretor. Por favor, pede praquele homem gordo vir falar comigo.” Antes de sair, o diretor disse: “Sabe a coisa d’*O mágico de Oz*?

Confundo o livro com o filme. No livro, os sapatinhos eram prateados, eu acho".

53. O homem entrou. Gordo, alto, pele rosada, cabelo negro e revolto. Devia ter uns quarenta anos. Deixara o paletó do terno num assento do teatro, a camisa branca estava desabotoada até o início da barriga proeminente e revelava pelos negros abundantes. As mangas estavam arregaçadas até o meio dos braços, a gravata frouxa pendurava-se assimétrica em direção à barriga. Com um lenço, ele enxugava o suor da testa. Sentou-se, desconfortável. "Quer outro tamborete?" "Não sou tão gordo assim." "Você está suando muito!" "Tenho problemas de sudorese." A camisa estava encharcada. "Se quiser tirar a camisa, não me importo." O homem olhou pra Paulo Arruda como se detectasse uma ameaça. "Estou bem assim", falou, desconfiado. E balançou a cabeça de um lado pro outro. Paulo Arruda preferiu ignorar tal gesto. "Seu nome?" "Aguinaldo."

54. Paulo Arruda tinha atração por homens gordos. O que mais lhe atraía era aquela respiração pesada, dificultosa. E também gostava de homens suados. E também gostava de homens autoritários. Aquele Aguinaldo reunia todas essas

qualidades. Paulo Arruda fez um esforço pra concentrar-se no caso.

55. “Conhece alguma das pessoas que estão hoje no teatro?” “Não.” “Como soube da peça?” “Recebi um panfleto.” “Mas não ficou satisfeito com o espetáculo.” “Espetáculo? Aquilo foi uma merda! Lá no escritório dizem que devemos buscar nos informar e ter mais cultura, sabe? Essas coisas de viado.” Encarou Paulo Arruda, com certo desprezo. “Sou consultor de vendas, lido com todo tipo de gente. Uns gostam de futebol, outros de culinária, outros são religiosos, outros gostam de teatro, literatura, essas coisas.” “Os viados.” “O quê?” “Os viados gostam dessas coisas.” “Olha, detetive, não quero te ofender, mas não me misturo com essa gente. Eles lá e eu cá. Se não mexerem comigo, não mexo com eles.”

56. “Então veio ao teatro pra adquirir mais cultura.” “Esse tal de Shakespeare é famoso.” “Não sabia que era uma versão alternativa?” “Não entendo dessas coisas não. Sou um homem simples. Não sei por que esses... *artistas* têm que complicar tudo. Uma perda de tempo!” “Tem ideia de quem é o assassino ou a assassina?” “Não conheço ninguém aqui! Caí de paraquedas nesta

história.” “Aguinaldo, não me esconda nada, disso depende a nossa vida. O assassino ou a assassina pode fazer uma nova vítima.” “Que diabo de conversa é essa? Já disse que não sei de nada. Aliás, por que você fica nessa de assassino ou assassina? Podem ser *assassinos*.”

57. Paulo Arruda enrugou a testa. “Pela minha experiência, posso dizer que assassinos agindo em grupo é algo muito raro.” “Mas não estou falando de um grupo, estou falando de duas pessoas.” “Oh, uma dupla de assassinos. E o que o faz pensar que isso é possível neste caso em particular?” “É uma possibilidade, não é?” “Sim, é uma possibilidade. Mas minha intuição detetivesca me diz que é apenas uma pessoa.”

58. O detetive olhou pras mãos de Aguinaldo. “Não vejo marca de aliança em seu dedo.” O homem fechou as mãos. “Que porra é esta? Está me cantando, detetive?” O detetive fez um gesto de impaciência com as mãos. “Não, homem! Estou pouco me lixando pra você, só quero saber se tem uma aliança, pois isso é relevante pro caso.” “Não vejo como.” Paulo Arruda levantou a voz, impaciente: “Tem ou não tem?”. “Não sou casado.” “Pois bem, foi encontrada uma aliança no local do crime. Aliás, quando voltar, mantém

isso em sigilo, não quero que o assassino ou a assassina fique de sobreaviso.”

59. Aguinaldo franziu a testa e olhou assim meio de lado. Depois falou: “Acho que tenho uma informação valiosa”. Fez certo suspense. E depois: “Ouvi uma das pessoas falar de uma aliança”. “Quem foi?” “Não sei o nome dela. Foi aquela escurinha. Realmente ela é muito suspeita.” “Então você acha que o fato de ela ser *escurinha* a torna suspeita?” “E não? O ambiente onde essa gente nasce, com famílias desestruturadas, isso nunca acaba bem.” Se havia uma coisa que jogava água fria no tesão de Paulo Arruda era o preconceito racial.

60. Aguinaldo era muito idiota pra cometer um assassinato. Pois até pra realizar um crime é preciso um mínimo de inteligência. Ou seria ele um dissimulado? Não estaria se passando por imbecil propositalmente? Paulo Arruda não podia descartar ninguém. Até porque a atriz apunhalada era uma mulher trans, o tipo de gente que Aguinaldo odiava. Não podia acreditar naquela história de adquirir cultura, pois não era nada convincente. Pessoas como Aguinaldo jamais perderiam seu tempo em um teatro.

61. “O que você me diz de sapatinhos vermelhos de falso rubi?” Aguinaldo ficou mudo, sem saber o que dizer, não entendia a pergunta. “Explico”, disse Paulo Arruda. “Isso também foi encontrado na cena do crime.” “Não sei nada a respeito.”

62. Paulo Arruda acreditou que Aguinaldo não sabia nada sobre o assassinato. Mas seu faro de detetive dizia-lhe que o homem escondia algum segredo. Seria ele uma *drag-queen* enrustida? Esses machões são sempre muito suspeitos. Essa necessidade de reafirmar a masculinidade o tempo todo, ah, Paulo Arruda conhecia bem esses tipos. Esse Aguinaldo devia frequentar um daqueles clubinhos privados em que machões tiravam uma noite pra serem fêmeas. Nessas ocasiões, eles se vestiam de mulher e davam pra muitos numa noite. E, no dia seguinte, agiam como se nada tivesse acontecido, como se a noite anterior não passasse de um sonho. Assim, voltavam pra suas esposas, namoradas, filhos, não se sentiam detentores de nenhuma identidade não heterossexual. E só experimentavam novamente o prazer do sexo homoerótico e do travestimento na próxima reunião do clube, na próxima lua cheia. Não, Paulo Arruda estava longe de ser um moralista, não via nenhum mal nisso. O que lhe incomodava

é que esses machões eram os mais agressivos com a comunidade LGBTQIA+. O detetive sorriu ao imaginar aquele homem gordo, peludo e suado, nu, com um batom muito vermelho nos lábios, enquanto caminhava feminilmente com os seus sapatinhos vermelhos de falso rubi, apertados, a dor escondida por trás da falsa elegância.

63. “Então, é só isso? Você está aí feito um idiota, rindo pra parede.” “Desculpa, às vezes tenho alguns devaneios.” “Ah, esses...” Não completou a frase.

64. Aquele caso não estava tão “racionalmente desvendável” como prometia o material didático do curso de detetives por correspondência. A excitação do primeiro momento já começava a diminuir. E o detetive pensava em desistir da profissão. Aquele era o seu primeiro caso, a história de que tinha solucionado o caso do Maluco da Machadinha era uma grande mentira que contara pra ser respeitado. A verdade é que trabalhava no *telemarketing* e, enquanto ouvia as reclamações intermináveis dos clientes e repetia frases feitas, combatia o tédio com a ficção: imaginava grandes crimes por ele desvendados. E agora caía no seu colo um presente dos deuses,

um caso de assassinato. Era sua chance de mostrar seu valor. Aquela noite podia mudar sua vida. Uma chance única! Lembrou-se da frase escrita na capa de cada módulo do curso de detetives por correspondência: “Acredite na sua perspicácia!”.

65. Olhou pra Aguinaldo de uma forma que assustou o outro. “Vamos lá, Aguinaldo, abre o bico!”, falou, com sua voz alta, grossa e firme. “Ah, chega disso!”, o outro tentou reagir. “Baixa o tom, rapaz! A autoridade aqui sou eu, não percebeu ainda?” A agressividade de Aguinaldo era só uma proteção típica dos fracos. Ele não sabia reagir a uma verdadeira autoridade. “Sei que essa história de panfleto, de adquirir mais cultura é uma balela! Por que você está aqui, Aguinaldo?” O homem ensaiou uma frase, mas Paulo Arruda foi teatral: “Eu quero a verdade!”, gritou, enquanto batia o punho cerrado contra a parede.

66. Aguinaldo ficou em silêncio, hesitante. Depois, baixou a guarda. “Que se dane! Eu tenho um caso com a mulher desse diretor viado. Pronto, falei. É isso aí. Eu só vim conhecer o terreno inimigo. Queria saber o que tinha esse cara pra que Estela ficasse com ele, não o

largasse. E até agora não entendi o que ele tem.” “Talvez ele tenha um pau grande”, disse Paulo Arruda, sério, enquanto olhava pra braguilha de Aguinaldo. O homem ficou constrangido, devia ter o pau pequeno. Golpe baixo, Paulo Arruda, golpe baixo, pensou o detetive, que sentiu pena do homem, diminuído em sua masculinidade. Quase maternal, quis dizer ao suspeito que nem só de pau vive um homem, mas também de habilidades outras. “Você já se travestiu com roupas de TNT?”

67. Levou um soco na cara e caiu inconsciente. Quando acordou, continuava na “sala de inquérito” onde fora golpeado, a cabeça apoiada no colo da atriz musculosa, que lhe aplicava gelo envolto por uma sacola plástica. “Ele te acertou em cheio, hein?”, disse ela, com um sorriso divertido nos lábios sem batom. O detetive gemeu de dor. “Aquele filho da puta acertou um homem da lei. Isso não fica assim.” “Vamos deixar de farsas, detetive”, disse o diretor, sentado em um dos tamboretes. “Você não passa de um *freelancer*, não tem nenhum vínculo com a polícia, não é um homem da lei.”

68. Paulo Arruda ensaiou levantar-se, mas sentiu uma vertigem e deixou a cabeça cair novamente sobre a perna musculosa da atriz. “Vai com

calma”, ela disse. E Paulo Arruda falou: “Orlando Stuart, meu caro diretor, todos que trabalham pra que a justiça seja feita são homens da lei”. O diretor deu de ombros.

69. O detetive Paulo Arruda tentou mais uma vez levantar-se, foi ajudado pelo diretor. Pôs-se de pé, com sucesso. “Onde conseguiu o gelo?” “Temos um frigobar no teatro. Você teve sorte, o gelo ainda não derreteu.” “Obrigado.” “Não se preocupe, estou acostumada com isso na academia.” “Você é uma marombeira, hein?” “É, sou viciada em ginástica.” “E em vitaminas e suplementos, suponho. É, sei como é”, disse ele, com um sorriso amistoso.

70. O detetive olhou pro diretor. “É preciso ficar de olho naquele gordo. Ele é violento. Pode ser um perigo pra todos nós.” “Não se preocupe, já tomamos uma providência.” “Providência?” “Amarramos ele numa poltrona”, disse o diretor, com um sorriso perverso. “Ele esbravejou feito um animal, mas agora está calmo.” “Quanto tempo fiquei desacordado?” “Acho que uma meia hora.” “Putz!” Paulo Arruda colocou a mão sobre o olho atingido. “Ai!” “Assim que conseguirmos sair daqui, deve buscar um médico, está bem feio isso aí.” “Obrigado, diretor. Mas até lá, o *show* tem

que continuar.” Olhou pra atriz musculosa. “É a sua vez, querida. Vamos conversar sobre o assassinato.” Ela ficou tensa, e Orlando Stuart deixou-os a sós.

71. A musculosa rainha Gertrudes estava sorridente. Desde o início, Paulo Arruda percebera-lhe um ar meio idiotizado. Longe de ele achar que quem desenvolve músculos, atrofia o cérebro. A burrice e o desenvolvimento dos músculos não têm uma relação direta.

72. Ela estava sentada no tamborete. Era bonita, traços bem-feitos. Seu corpo musculoso acompanhava uma voz masculinizada. Estava evidente que a rainha Gertrudes não adquirira aqueles músculos apenas com esforço físico. Não, Paulo Arruda também não achava que toda pessoa musculosa recorria a substâncias ilegais pra conseguir resultados em curto prazo de tempo. Afinal, a burrice e o desenvolvimento dos músculos não têm uma relação direta.

73. “Qual o seu nome?” “Gertrudes.” “Não, quero saber seu nome verdadeiro, não da personagem.” “É Gertrudes mesmo. Aliás, foi por isso que o diretor me escolheu. Ele vê algo misterioso nisso.” “Você atua há muito tempo?” Ela riu. “Não sou

atriz, isso é uma brincadeira.” “Qual sua profissão?” “Sou dona de uma academia.” “Você conhecia a vítima?” Um cacho de cabelo caiu sobre sua testa bronzeada. Ela afastou-o com delicadeza contrastante com seu corpo viril. “Detetive, não gosto de joguinhos. Vou ser direta e dizer tudo que sei. Nos filmes, quando os suspeitos escondem alguma coisa, sempre dá merda.” Paulo Arruda estremeceu. Apesar da aparência musculosa de Gertrudes, ela era uma mulher, e o detetive tinha uma construção idealizada do universo feminino, onde não entravam os palavrões.

74. “Pois bem, sou todo ouvidos.” “Conheci Daniel nos ensaios. E fiquei curiosa. Sabe, uma mulher que também é homem. Ela não tinha feito a cirurgia, tirado o pinto, sabe? Pedi pra ver, e tive pena de que aquele instrumento fosse arrancado. A natureza não é sábia, como dizem por aí.” O detetive começava a ficar irritado com a vulgaridade da mulher. “Acabei me envolvendo com ela.” “Tinham um relacionamento?” “Eu estava apaixonada por Daniel, mas Daniel estava apaixonada pelo diretor, que é casado, uma complicação. Mas ficamos amigas, apesar de eu ter beijado Daniel à força em uma ocasião. No início, ela ficou irritada, mas depois entendeu que

eu não era uma ameaça e podia ser uma boa amiga.” “Então ela fez confidências.” “Se queixava da indiferença do diretor. Dizia que ele a rejeitava porque ela ainda tinha um pinto. Ele só suportava vê-la nua da cintura pra cima, pois ela possuía seios perfeitos.” “Você quer dizer que eles não tinham um relacionamento sexual?” “Eu só sei que o diretor tinha esse problema, não suportava o pinto da outra.” “Por que não chama o diretor pelo nome?” “É que ele tem dois nomes, e isso me confunde.” “Dois nomes?” “O nome artístico é Orlando Stuart, mas o real é Plínio Zamorah.”

75. Aquele nome lhe parecia familiar. O detetive enrugou a testa. “Ele por acaso tem alguma coisa a ver com a marca Zamorah?” “Sim, os irmãos cuidam do negócio da família, e a esposa do diretor ocupa o lugar dele no conselho administrativo. Dizem que ela é mão de ferro. O diretor é meio assim a vergonha da família. Pra essa gente, o nome é muito importante. Aliás, quando a imprensa souber do assassinato, será um escândalo.”

76. O coração de Paulo Arruda bateu mais forte. Se solucionasse aquele caso antes do amanhecer, teria todas as atenções da mídia. Seria um

detetive famoso, cobraria valores exorbitantes em futuros casos. Aquela era sua grande chance. “Então, Orlando Stuart é praticamente sustentado pela esposa.” “É uma troca, ela depende dele pra ter o poder que tem. Ele depende dela pra continuar no teatro.” “Você está dizendo que a relação deles é puramente *comercial*?” “Imagino que sim.” “Daniel então era uma ameaça, pois a esposa de Orlando Stuart podia perder o cargo.” “Como uma mulher de negócios... (Sou dona de uma academia, como sabe.) Pois bem, como uma mulher de negócios, acredito que a esposa do diretor se preocuparia menos com a perda do cargo e mais com o escândalo. Já havia a vergonha que era o filho de um dos magnatas do país trabalhar com teatro alternativo. E se fosse divulgado que ele também tinha um caso com uma mulher trans? O empresariado brasileiro é muito conservador. Além disso, as ações da empresa podiam cair, essas coisas.” “Entendo.”

77. Paulo Arruda percebeu que Gertrudes não era assim tão toupeira quanto ele pensava. Somos vítimas dos estereótipos. “Qual sua opinião, rainha Gertrudes, sobre o crime? O que acha que aconteceu?” Ela riu. “Será que passarei a ser lembrada por um personagem específico como são os atores famosos?” “Creio que o teatro

alternativo não permita peculiaridades típicas de um público de entretenimento.” Essa coisa é contagiosa, pensou Paulo Arruda, já estava falando como um artista alternativo. “Mas como você vê o caso, Gertrudes?”

78. Ela enrugou a testa. “Há três motivos pra um crime. A vítima fala demais, o assassino quer impedir a revelação de um segredo. A vítima é rica, o assassino será beneficiado no testamento. A vítima cometeu traição amorosa, o assassino quer se vingar.” O detetive sentiu-se plagiado. “Você esqueceu de um quarto motivo.” “Qual?” “Ódio. A vítima, por alguma razão, é odiada.” “Isso está dentro do terceiro motivo.” “Não, o terceiro está relacionado à traição amorosa.” “E por qual outra razão alguém odiaria uma pessoa?” “Onde aprendeu tanto sobre assassinatos?” “Coincidentemente, vi um filme faz dois dias em que o detetive dizia exatamente o que eu disse. É um clichê.”

79. Paulo Arruda sentiu-se ofendido, seu curso por correspondência era um dos mais conceituados do país e baseado em dados científicos, não em clichês. Quem aquela mulher pensava que era? Uma rainha? Ele respirou fundo e esforçou-se pra ser profissional.

80. “E em qual desses três motivos você vota?” Ela pensou pra responder. E, por fim: “Acredito que podemos descartar um. Ela não era rica, estava juntando dinheiro pra tirar o pinto”. “Então, ou ela sabia de um segredo ou foi assassinada por questões amorosas, o que envolve o diretor e sua esposa.” “Mas a esposa dele não está aqui.” O detetive fez um ar de mistério e falou: “Nem sempre é preciso estar presente pra cometer um crime”.

81. Nesse momento, ele percebeu que uma parte do figurino da rainha estava rasgada, uma parte de TNT preto. Ele sentiu um prazer perverso ao desmascará-la. “Como aconteceu isso?” “Isso o quê?” “Esse rasgo na sua fantasia.” Ela ficou desconcertada, mas ainda teve sangue-frio pra dizer: “Não é fantasia, é figurino, traje de cena”. “Não desconverse.”

82. Ela olhou-o bem fundo nos olhos por quase um minuto, em silêncio, como se quisesse intimidá-lo. E depois falou: “Fui a última a ver Daniel com vida. Ela estava agonizando quando entrei no camarim. E me estendeu a mão. Não podia negar isso a uma pessoa prestes a morrer. Quando me aproximei dela, Daniel agarrou a

minha roupa e, assim, rasgou o traje de cena da rainha Gertrudes. Ela estava tentando falar alguma coisa, mas não conseguiu". "E por que você não disse nada antes?" "Não sei. Ela foi assassinada! Isso mexe com a gente." "É compreensível. Mas não deu pra ouvir nada do que ela disse?" "Não chegou a dizer. Estava tentando falar." "Provavelmente o nome do assassino ou da assassina." "É possível." "Não deu pra perceber nem a primeira letra? A boca podia estar formando um o, um a, um bê..." "Eu estava muito nervosa. Vou pensar mais sobre isso. Se me lembrar de alguma coisa, eu falo pra você." "Você sabe que está correndo risco de vida, não sabe?"

83. Ela arregalou os olhos. "Eu? Por quê?" "Você foi a última pessoa a ver a morta com vida. O assassino ou a assassina deve saber disso." "Mas eu não vi nada!" "Ele ou ela pode não pensar assim. E mesmo que você não tenha visto nada, pode ter ouvido alguma coisa, já que encontrou a morta ainda com vida. Ela poderia ter dito a você o nome de quem a matou." "Ela não disse nada!" "Muito cuidado." Ela começou a tremer, parecia realmente estar com medo. "Não é pra tanto, Gertrudes. É só tomar cuidado, que nada acontecerá com você. Agora pode ir. Preciso ficar

sozinho e pensar um pouco sobre o caso.” “Vem comigo, estou com medo de ir sozinha.”

84. Paulo Arruda acompanhou-a até o palco. Lá, pediu uns quinze minutos pra pensar, disse que logo chamaria o próximo “suspeito” e regozijou-se ao dizer tal palavra. Viu o Aguinaldo amarrado e amordaçado e sentiu um tremor em todo o corpo, excitação. Antes de voltar pra “sala de inquérito”, entrou no camarim e deu mais uma boa olhada na morta. Ele nunca tivera problemas com a morte. Os assassinatos o fascinavam. Lera todos os livros de Agatha Christie, e, diga-se de passagem, aprendera mais com ela do que com o curso de detetives por correspondência. Era tão bonita Daniel, mesmo com a sombra da morte. Realmente devia lembrar a Ofélia de Shakespeare. Ela morre no final, não morre? Paulo Arruda já ouvira falar, nunca lera a peça, mas era tão conhecida a Ofélia de Shakespeare.

85. Na “sala de inquérito”, passou a refletir sobre a arma do crime. O punhal denota passionalidade. Veneno está associado a vingança, o prato que se come frio. O veneno é recurso de assassino paciente e meticuloso. Mas um punhal é arma de assassino sádico, que gosta de ver a dor estampada no rosto da vítima. Pensando bem, a

vingança também pode exigir esse tipo de arma. Concordava com Gertrudes, o motivo do assassinato não tinha a ver com dinheiro; se tivesse, o assassino ou a assassina seria mais objetivo ou objetiva, um tiro talvez, um atropelamento. O punhal está associado a paixão, mas também a vingança. E a aliança? Fora Gertrudes quem a colocara na boca de Daniel? Afinal, a atriz musculosa tinha sido a última a ver Daniel com vida.

86. Ele estava imerso em pensamentos quando ouviu um grito seguido de movimentação incomum. Correu pro palco, não havia ninguém na plateia, só Aguinaldo, amarrado, amordaçado e agitado. Parecia estar com medo de ficar ali sozinho. Paulo Arruda era humano, deixou-o lá.

87. Paulo Arruda só conseguia pensar que Aguinaldo não era o assassino, afinal quando o segundo assassinato ocorrera, ele estava amarrado. Mas seu instinto de detetive formado em curso por correspondência dizia que Aguinaldo não era suspeito do segundo, mas do primeiro assassinato ele ainda era.

88. Todos estavam perto do banheiro, com as lanternas de seus celulares apontadas pra entrada, curiosos pra ver a morta.

89. “Devemos desamarrar o Aguinaldo”, disse Paulo Arruda. E todos o olharam, surpresos por ele estar preocupado com aquele homem e não com a morta. Ao perceber isso, o detetive falou, com sua voz de trovão, que parecia um grito: “Tenho que me preocupar com os vivos!”.

90. O próprio detetive o desamarrou. O homem então tirou a mordaça, saiu pelo teatro a vociferar e a fazer ameaças. Os palavrões que desfechou de sua boca vermelha e deliciosamente rechonchuda fizeram Paulo Arruda sentir o calor invadir seu corpo da cabeça aos pés.

91. Uma coisa não se podia negar, o diretor tinha poder de comando. A elite é educada pra mandar. Com um grito de autoridade, fez Aguinaldo calar-se. Que parasse de *show*zinho, outra mulher acabava de ser assassinada. Gertrudes estava caída no chão do banheiro, com uma estaca enfiada no seu abdômen musculoso.

92. “Foi um homem!”, Neide Dantes gritou e, de repente, caiu em prantos. Ela parecia tão

equilibrada! É quando as pessoas estão com medo que as conhecemos de fato. “Eu não quero morrer!”, gritava. “Há um assassino de mulheres aqui.” Mas antes de ser tomado pelo enternecimento, o detetive pensou que atores são dissimulados. Não podia cair num truque barato. Gritou-lhe com sua voz de trovão que ela se controlasse, que não era momento praquilo. As lágrimas cessaram, como as de uma criança que é desmascarada.

93. Uma coisa absurda passou pela cabeça do detetive. E se Daniel tivesse baixado do mundo dos mortos e enfiado a estaca na Gertrudes? Aquilo estava ficando sinistro demais.

94. “Uma coisa parece evidente”, proferiu Aguinaldo, com um semblante de avaliador de situações. “Pra enfiar um treco desses na barriga de uma mulher musculosa, é preciso ter força.” “De onde saiu essa estaca?”, perguntou o detetive ao diretor. “Era objeto de cena de outra peça que fizemos, uma adaptação de *Esperando Godot*, de Beckett. Meu Godot era um vampiro, que sugava o sangue de Estragon e Vladimir. Então eles esperavam que Godot voltasse pra mordê-los outra vez.” “E depois eles matavam esse Godot?”, perguntou Aguinaldo, realmente

interessado. “Não.” “E por que a estaca então?”, Aguinaldo já se mostrava irritado, aquele seu sangue quente tirava Paulo Arruda do sério, era excitante. “Podíamos improvisar, a peça podia sofrer alterações. Tínhamos tudo relacionado a vampiros, até mesmo água benta.” Aguinaldo balançava a cabeça de um lado pro outro enquanto olhava pro diretor. Artistas e viados são gente muito estranha, ele devia estar pensando, fazem umas coisas sem sentido algum.

95. No *telemarketing*, Paulo Arruda vivia irritado ou entediado. Mas agora, como detetive, ele descobria sensações das quais nunca mais queria se livrar: poder, autoridade, comando. Ordenou que todos deixassem a cena do crime.

96. O detetive sentou-se na beira do palco. Ao seu lado, velas acesas, em castiçais. Já os outros sete sobreviventes sentaram-se nas poltronas da frente. Não se admitia nenhum indivíduo em assentos de trás, pra que ninguém fosse apunhalado pelas costas. Cada um segurava uma vela, o que era uma ótima oportunidade pra se verificar o nervosismo de alguns e a frieza de outros.

97. Além de Paulo Arruda, havia quatro espectadores: Neide Dantes, Aguinaldo, Elias Rocha e uma mocinha baixota e calada, a quem o detetive perguntou o nome, e ela, com uma voz tão poderosa quanto a dele, o que surpreendeu a todos, disse chamar-se Sara G. Questionada sobre o significado do G., optou por não revelar. Quanto aos integrantes da equipe, só restavam três: Orlando Stuart, o Hamlet (um ator de ascendência asiática chamado João) e o rei Cláudio (que fazia também o papel do fantasma) — o ator convidado, e também ventríloquo, Hernández Mendoza, argentino.

98. Paulo Arruda falou: “Acho que todos já entenderam o perigo que corremos nesta noite. Há, entre nós, um assassino ou...”. “Uma assassina!”, gritou Elias Rocha. “Ou assassinos!”, vociferou Aguinaldo. “Que seja!”, exclamou o detetive, com impaciência. “Já morreram duas pessoas.” “Mas o assassino é um homem, ele usa a força!”, exclamou Neide Dantes, entre assustada e indignada. “Tenho que sair daqui.” “Você sabe que não é possível, minha querida”, falou o detetive, em tom de ironia. “Estamos presos aqui. Só nos resta sobreviver. Faremos tudo em grupo, nenhum de nós ficará longe um do outro. Se alguém precisar ir ao banheiro,

iremos todos com essa pessoa. O interrogatório vai continuar aqui mesmo, com todos assistindo. E peço que não me interrompam, que não tumultuem." "Mas assim você vai expor as pessoas", protestou Elias Rocha. "Além de ajudar a assassina", olhou pra Sara G., "a encontrar formas de dissimular". "Não, meu caro, faremos uma investigação em grupo, pois várias cabeças pensam melhor do que uma. Eu comandarei este *espetáculo* e prometo que, até o final da noite, o assassino ou a assassina assumirá a culpa."

99. "Está claro que o alvo aqui somos nós atores e não os espectadores. Acho mesmo que o assassino é algum crítico que enlouqueceu." "Boa teoria, Hamlet. Antes, porém, de te fazer algumas perguntas, preciso saber se alguém acompanhou Gertrudes até o banheiro, antes de ela ser assassinada." "Sara G. estava com ela!", Elias Rocha apontou o dedo em direção à suspeita.

100. A acusada ficou vermelha, mexeu-se na poltrona e gritou: "Que porra é esta?". Paulo Arruda estremeceu. "Ela me mandou buscar papel higiênico no camarim." "Você foi à cena do crime?", perguntou Paulo Arruda. "Voltou à cena do crime, você quer dizer", gritou Elias Rocha. "Se esse escroque não calar a boca, não respondo por

mim!” Sara G. levantou-se, preparada pros finalmentes. Elias Rocha levantou-se também. “Chega!”, gritou Paulo Arruda. E os dois voltaram a seus assentos.

101. O detetive olhou pro Hamlet, que, já tão pequeno, ficou ainda mais diminuto, encolheu-se na poltrona. “Hamlet...” Então ele cresceu. “Meu nome é João!” “Desculpa, João. Você é ator há quanto tempo?” “Não sou ator, trabalho num açougue.” Aguinaldo gritou: “Alguém aqui é ator? Puta que pariu, pensei que, pra participar de uma peça de teatro, o cara tivesse que ser ator”. “O que mostra a sua ignorância”, disse Orlando Stuart. Aguinaldo levantou-se, galinho de briga.

102. Orlando Stuart cantou de galo: “Não pense que, porque está comendo a minha mulher, você manda na minha casa. O teatro é minha casa! Então, para de dizer merda e fecha essa boca de fossa”.

103. Aguinaldo, vermelho feito um pimentão, ficou calado. Ver aquele homem assim rendido decepcionou seu maior fã: Paulo Arruda.

104. “Senhores”, disse o detetive, “o palco agora é meu, deixem a vaidade de lado e assistam”.

105. “Eu não queria participar da peça”, disse Hamlet, ou melhor, João. “Mas o Orlando Stuart prometeu me dar um emprego na empresa de sua família caso eu topasse. Meu sonho é trabalhar no grupo Zamorah. Tenho ambições, detetive, tenho ambições.” “Seria capaz de matar por elas?” João arregalou os olhos: “Não sou assassino, detetive!” “E se uma pessoa muito importante do grupo Zamorah prometesse uma carreira promissora em troca de um favorzinho?” “Não estou entendendo.” Com sua voz de trovão, o detetive falou: “Você matou Daniel, Hamlet, porque é ambicioso. Agora terá um cargo no grupo Zamorah. Não existe ambição limpa. Você matou, Hamlet. Suas mãos estão sujas de sangue. Ó, príncipe da Dinamarca, há algo de podre aqui. Quem foi o mandante? Orlando Stuart? A esposa do Orlando Stuart? Quem? Fala! Confessa! Vai se sentir melhor”.

106. João pulou da poltrona. “Vou embora daqui é agora.” “Não pode.” “Você está louco! Quem vai me impedir?” “Nós vamos.” Paulo Arruda fez um gesto teatral com as mãos, como um maestro que desliza as mãos pelo espaço e comanda a orquestra. O jovem Hamlet fez menção de fugir, mas Aguinaldo abraçou-o por trás, enquanto

urrava em seus ouvidos: “Assassino de merda, daqui você não sai”.

107. Paulo Arruda teve inveja do Hamlet, que começou a chorar, perturbado com a besta raivosa e suada que cuspia palavrões em seu ouvido. “Eu não matei ninguém”, gritou. “Pode soltar o rapaz”, ordenou o detetive. “Ele não pode ir a lugar nenhum.” Aguinaldo soltou-o. O pobre João caiu ajoelhado sobre o chão, chorava feito um bebê. “Eu só queria ser alguém na vida. Não sou uma pessoa má. Não gosto de teatro, mas isso não me faz uma pessoa má. Faz, detetive? Não gostar de teatro me faz o vilão da história?” “Açougueiro e japonês!”, Aguinaldo disse, enquanto meneava a cabeça. Neide Dantes falou: “Isto aqui virou uma conversa de loucos! O que tem a ver ele ser açougueiro e japonês com os assassinatos?”. “Eu não sou japonês”, gritou João. “Eu sou brasileiro, buceta do caralho! Eu sou brasileiro, bando de racistas!”

108. As risadas de Orlando Stuart emudeceram a todos. O diretor ria tanto quanto um imbecil diante da genialidade. Curvou-se sobre si mesmo na poltrona, a mão na barriga, que doía de tanto ele rir. No rosto dos outros, havia a interrogação. Por que cargas-d’água essa hiena estava rindo?

Quando conseguiu se controlar, ele explicou: "*Hamlet* é uma peça que, entre outras coisas, fala sobre a loucura. A falsa loucura do príncipe da Dinamarca é mais reveladora do que a sanidade. Já a loucura da Ofélia não passa de uma autopunição por ser mulher. Teria Daniel sido punida por ser mulher? A ambição do nosso príncipe João é loucura ou sanidade? E todos nós aqui, insanos e tão verdadeiros. A realidade é superior à ficção. A ficção é sanidade, a realidade é loucura".

109. Silêncio constrangedor, ninguém conseguia compreender as epifanias stuartianas, se elas eram de fato o que pareciam ser ou bobagens inconsequentes de uma mente perturbada e vazia.

110. Paulo Arruda chamou o foco pra si: "Só me responde uma coisa, João. O que sabe sobre sapatinhos vermelhos de falso rubi?". De repente, alguma coisa pareceu fazer sentido pra João. Seus olhos brilharam, o choro tinha cessado durante os risos do diretor. O ator-açougueiro levantou-se. "Como você sabe disso?" Paulo Arruda arregalou os olhos diante da reviravolta no caso. Pra dissimular o choque, fingiu fazer algumas anotações em sua caderneta. Não, de fato as fez,

impressões tão pessoais que chegavam a ser ininteligíveis.

111. “Yoko era uma menina no Japão da Segunda Guerra Mundial. No bairro onde morava, o medo era constante, até porque as informações chegavam ali de forma desencontrada. Não se sabia o que era verdade e nem o que era mentira. E quem disse que o passado não se repetiria no futuro? Yoko tinha dez anos e era uma das poucas meninas ali que sabia ler, as outras viviam na ignorância sem livros.”

112. “Nem toda criança é curiosa, muitas já nascem apáticas e entediadas, sempre foi assim. Porém, Yoko tinha fome de saber, desde as coisinhas pequenininhas até as grandes verdades. Devido a problemas estomacais, ficou sozinha em casa, numa tarde. Sentiu curiosidade de olhar no fundo de um baú. Os pais estavam na horta comunitária, produziam pro bem de todos.”

113. “No fundo do baú, uma tradução japonesa de *O mágico de Oz*. Na capa, Dorothy, Totó, o Leão, o Homem de Lata e o Espantalho. Arregalou os olhos, tinha medo de espantalhos. O espantalho é predecessor do zumbi. Curioso como os zumbis da atualidade vivem em busca de

cérebro, assim como o espantalho do livro. Por motivos diferentes, é claro. Os zumbis querem se alimentar. Não creio que cérebro, nesse caso, seja metáfora de conhecimento, pois zumbis não têm fome de saber, acho mesmo que a fome por cérebros é uma metáfora pra destruição do conhecimento, comer o cérebro onde reside a razão. Zumbis abominam a inteligência. Já o espantalho do livro não, ele quer ser inteligente, pensar, ter lógica, valoriza aquilo que a maioria hoje despreza."

114. "Começou a ler o livro naquela tarde. E, todas as vezes que podia, buscava a obra, às ocultas. Era um livro proibido, pressentia, pois estava escondido no baú da mãe, naquele baú intocável, onde residiam todos os mistérios. Yoko não sabia que um livro americano no Japão, naquele momento histórico, seria como um presidente muçulmano na Casa Branca logo depois do Onze de Setembro. Os ódios são insanos, mas os amores também, então não são muito diferentes."

115. "Era realmente perigoso aquele livro, ameaçava séculos de tradição nipônica, pois trazia em si a essência do consumismo americano: coragem, paixão e cálculo. Mas a

menina não via isso. Pra ela, que não conhecia outras terras além de seu bairro, um arco-íris plurissignificava coisas distintas de riqueza (pote no fim do arco-íris) ou diversidade (Daniel sabe do que estamos falando); significava principalmente mistério, pois as cores eram misteriosas pra Yoko, que longe estava de aprender as teorias esclarecedoras e decepcionantes da física, já que era uma criança que buscava a verdade, mas temia perder o encantamento."

116. "Tenho saudade de um tempo em que sorrir era consequência. Agora é causa. Cartazes no Brasil dizem *Smile*!, devido ao tesão que os brasileiros sentem pelos ianques, deuses adorados e superiores. As pessoas realmente acreditam que, se sorrirem, serão felizes? Tenho de novo que dizer o óbvio. Sorrir é consequência da felicidade, não o contrário. Falta a razão, predominam animalidade e misticismo. E tudo começou lá, na terra do tio Sam, e chegou aos tupiniquins com carimbo de verdade inquestionável. E as bestas brasileiras passaram a repetir intermináveis clichês. Aliás, o cartaz que diz 'Sorria, você está sendo filmado!' é uma ironia? Pois bem, Yoko não precisava se preocupar com os problemas existenciais do século XXI, já tinha problemas de mais naquela década funesta,

que forjava, lenta e perversamente, o nosso futuro.”

117. “Criança esperta acha que engana os adultos. A mãe japonesa, tão organizada sempre, sabia se um fio de cabelo desaparecesse da escova de pentear. Fazia vista grossa, pois também amava aquele livro, apesar de ser de um ianque impiedoso, ideia que seria comprovada em agosto daquele fatídico ano. A menina se entregava ao sonho, e isso fascinava a mãe. Se fosse americana, estaria entorpecida pelo sonho, como estão todos os ianques, manipuláveis todos, crentes que são deuses, quando não passam de títeres. Pelo menos são controlados pelos seus políticos nacionais e não por políticos estrangeiros como o são cidadãs e cidadãos de tantos outros países. O vilão de casa é menos assustador do que o de fora? A xenofobia é prática de toda nação dominadora e paranoica. O medo amarelece os olhos do poder. Todo império nasce pra cair.”

118. “Como Yoko amou o Leão, o Homem de Lata e aprendeu a amar o Espantalho. Quis ser Dorothy, foi Dorothy e teve um cãozinho chamado Totó. Qual era mesmo o nome original do cãozinho em inglês? Toto? Não importa. Depois de

ler o livro proibido, a menina adquiriu uma melancolia no olhar. A melancolia dos que sonham o impossível tomou conta dela, que buscava desesperadamente um arco-íris onde pudesse se refugiar. Se houvesse uma boneca da Dorothy, pagaria o maior preço impossível, venderia sua alma. Inconsciente do que o futuro lhe reservava, a menina experimentou ser humano no século XXI: o desejo do impossível, a ilusão, o querer sem ação, a impotência onírica, o vazio, que, em nossos tempos, é preenchido com produtos que prometem felicidade instantânea e fugaz."

119. "Um boato correu pelo bairro. Soldados americanos estavam a caminho, estupрariam mulheres e crianças, matariam todos os homens. Yoko foi mandada pra longe, pra casa de parentes distantes. A mãe sentia que era o adeus definitivo. Mandou com a filha um baú com roupas, o livro proibido e dois sapatinhos de falso rubi que comprara havia oito anos de um comerciante ambulante, que tinha esbarrado com aquele produto não se sabe onde. Era a herança da pequena Yoko, que cresceu, teve filhos e filhas, uma delas foi buscar o mundo de Oz no Brasil, levou consigo os sapatinhos herdados."

120. Depois de ouvirem o relato, todos estavam meio perplexos com o dom de João pra contar histórias. Paulo Arruda quase perdeu sua imparcialidade detetivesca. Mas, por fim, fez a pergunta: “E como esses sapatinhos foram parar nos pés de Daniel?”. João baixou os olhos e confessou: “Eu matei Daniel”.

121. Silêncio.

122. “Morte ao assassino!”, gritou Aguinaldo. “Cala a boca!”, gritou Neide Dantes.

123. “Você então confessa, João?”, perguntou o detetive. O rapaz enxugou uma lágrima solitária que lhe escorria sobre a face. “Eu amava Daniel e sabia da sua paixão por *O mágico de Oz*. Dei-lhe a relíquia de família, está aí a mostra do meu amor. Mas Daniel só pensava nesse inútil do Orlando Stuart.” João olhou pra seu rival com tanto ódio, que Paulo Arruda não ficaria surpreso se ele voasse pelo espaço, como ocorre em filmes de ação japoneses, e desse no outro um golpe mortal. Mas ele só fez baixar novamente os olhos e entregar-se ao silêncio.

124. “Por isso você matou Daniel”, disse Paulo Arruda. “O punhal também é uma relíquia de

família?” João levantou os olhos assustados. “Não, detetive. Você me entendeu mal. Não matei Daniel assim. Acredito que sou responsável, não o assassino. Minha culpa precede o fato.” “Explica.”

125. “Em minha família, esses sapatinhos são considerados amaldiçoados, todas as mulheres da família que os possuíram tiveram morte violenta. Começou com a mãe da Yoko, vítima da bomba atômica, depois a filha foi atravessada pela espada de samurai do seu sogro.” “Lá vem mais história chata de amarelos”, disse Aguinaldo. “Chega disso, confessou e pronto.” “Não confessei! Não confessei!”

126. Paulo Arruda começou a achar que estava em um sonho. Talvez estivesse experimentando uma alucinação, efeito de alguma droga, ninguém é de ferro. Ou teria sofrido algum acidente e estava em coma? Tentou lembrar-se dos seus passos desde que saíra de casa. Quem sabe no caminho... E se estivesse morto? A vida pós-morte talvez fosse uma espécie de filme que não faz sentido algum.

127. Interpretar. Ser detetive é mais do que se prender aos fatos e tirar conclusões baseadas em pistas. Tudo depende de interpretação. Lembrava-

se ligeiramente de um tópico sobre o assunto no curso de detetives por correspondência. Mas era daqueles ingênuos que acham que a interpretação é uma invencionice de doidos e que tudo tem que estar evidente. Pobre néscio, não sabia que a capacidade de interpretar é marca da evolução do cérebro humano. A competência exige mais do que a simples funcionalidade.

128. João tinha inventado aquela história, foi o que Paulo Arruda concluiu. Mas por que inventaria história tão estapafúrdia? As coisas não se encaixavam. E se João tinha matado Daniel, por que deixara aquela relíquia de família? Alguns assassinos gostam de deixar assinaturas. Seria o caso?

129. "João, você matou Daniel?", perguntou Paulo Arruda, calmamente, enquanto analisava seu semblante. "É claro que matou!", gritou Aguinaldo. Paulo Arruda então percebeu que Aguinaldo estava ali pra desviar a atenção, pra confundi-lo. Mas por quê? Qual o envolvimento de Aguinaldo além do já sabido?

130. Havia algo de muito suspeito em toda aquela situação, concluiu o detetive. Entre os profissionais gabaritados do curso por

correspondência feito por Paulo Arruda, tal percepção era chamada de “faro”, coisa que faltava às vezes até àqueles com muita tarimba.

131. “Cala a boca, Aguinaldo!”, trovejou Paulo Arruda. Estava realmente alterado, como bicho que se descobre presa e não mais predador. Mas o faro daquele bicho estava aguçado, não seria capturado sem lutar. “Olha como fala comigo, seu viado!” “Já disse. Cala a boca! Conheço bem os tipos como você. Gritam e esbravejam, alimentam o medo pra esconder que são uns covardes, medrosos de merda.” Neide Dantes bateu palmas. “Muito bem! Assim é que se fala.” Enquanto isso, Orlando Stuart mantinha um sorrisinho misterioso nos lábios.

132. Paulo Arruda fez de novo a pergunta: “João, você matou Daniel?”. “Claro que não!” A resposta veio rápida. “Eu amava Daniel.” “E quem ama não mata”, falou Orlando Stuart, com um sorriso. “Isso é tão clichê!”

133. “Mas Daniel amava Orlando Stuart”, disse o detetive. “O ressentimento está vivo em você, João.” “Ela me fez sofrer muito.” “E você a matou.” “Não.” “Mas quis matá-la, não quis?” “Sim, quis, mas não matei.” “Isso é humano,

todos queremos matar aqueles que amamos, seja porque nos rejeitam, seja porque nos aprisionam.” Agora foi Orlando Stuart quem aplaudiu, de forma irônica. “Detetive, você é um Machado de Assis!” Neide Dantes não perdeu a oportunidade: “E você já leu Machado de Assis, diretor? Ou é do tipo que só lê autores brancos e estrangeiros?”.

134. Então Paulo Arruda percebeu um movimento na coxia. Mas não acreditava em fantasmas. O diretor disse que era um rato. Neide Dantes começou a rir, descontrolada. “Por que está rindo?”, perguntou Paulo Arruda. “Desculpa”, ela disse, entre gargalhadas. “O rato na peça, quando Hamlet assassina...”

135. Paulo Arruda se levantou e correu em direção à coxia. Todos foram atrás dele. Encontraram-no no banheiro, onde ele olhava pra rainha Gertrudes com a estaca enfiada em seu abdômen musculoso. Ela estava fora da marcação. A Gertrudes musculosa não se encontrava exatamente no lugar onde supostamente fora assassinada, pois não estava de forma alguma morta.

136. Paulo Arruda deu uma gargalhada que fez gelarem as paredes do teatro. “Enfim! Solucionei o caso!”, trovejou, triunfante e teatral.

137. Daniel caminhava sobre o palco iluminado, com o punhal cenográfico enfiado na barriga, enquanto Sara G. dizia a Paulo Arruda: “Agora temos que ensaiar o seu monólogo. Como de praxe, o detetive deve fazer um resumo dos fatos e explicar como chegou à conclusão de que tudo era um teste final do curso de detetives por correspondência, pois nada fazia sentido e blá-blá-blá”.

138. Orlando Stuart continuava achando que algumas falas estavam fora do perfil dos personagens. Questionou o autor da peça, o Aguinaldo. Combinaram de se encontrar amanhã pra reescreverem juntos. Ele propôs uma coautoria. E Paulo Arruda, cansado, respirou fundo. Estavam ensaiando havia meses, às vezes maquiados e com o cenário montado. Não sabia se valia a pena continuar, estava quase desistindo do papel. Aliás, estava quase desistindo de tudo.

139. Orlando Stuart sugeriu que, no final do monólogo, balões caíssem sobre o detetive, e Sara G. entrasse com o diploma na mão. Sara G.

achava que o monólogo devia ser retirado, mas não tinha certeza se devia compartilhar essa ideia. Neide Dantes tirou uma listinha da bolsa, com algumas observações.

140. “O livro *O mágico de Oz* deve estar junto ao corpo da morta. Se Aguinaldo é um ator e Paulo Arruda não, o soco não se torna incoerente? E, por último, essa coisa de Gertrudes dizer ‘Caralho!’ no início, é pouco verossímil, já que ela vê a Ofélia morrer, em vez de simplesmente encontrar o corpo. Por que fazer essa exclamação de surpresa? A não ser que ela esteja fingindo.”

141. Final do monólogo de Paulo Arruda: “As evidências foram forjadas. Elas não fazem sentido, contrariam o módulo *Causa e efeito* do curso de detetives por correspondência, elas existem pra me confundir. Isso é o que um bom criminoso faria, confundir o investigador. E a mente criminosa aqui só pode ser a dona da escola de detetives por correspondência, uma mulher que já desvendou inúmeros casos em segredo pra polícia brasileira ganhar o crédito. Ela trabalha nas sombras. E está ali. Sara G.”.

142. “Aí eu explico que Paulo Arruda foi o último aluno do curso de detetives por correspondência,

que agora é pela internete, e que essa transição merecia um *gran finale* etc. etc. etc. Mas ainda falta muita coisa pra discutir. Não sei se este é o melhor desfecho. Talvez seja melhor o primeiro final em que o assassino é...” “Camara Lugo! Estamos com um problema aqui. Vem cá, por favor.”

143. Elenco. André Silva: Paulo Arruda. Camara Lugo: Sara G. Edna Moura: Daniel. Alísio Yakamoto: João. Mário Borges: Gertrudes. Renan Lugo: Aguinaldo. Meníria Lima: Neide Dantes. Carlos Maceto: Elias Rocha. Héctor Mendoza: Hernández Mendoza. Juliano Moura: Orlando Stuart.